

TRILOGIA MORRENDO DE AMOR

COURO &

ROUXINOL

BRYNNE WEAVER



AVISOS DE GATILHO E DE CONTEÚDO

Por mais que *Couro & Rouxinol* seja uma comédia romântica *dark* que, com sorte, fará você rir em meio à loucura, ainda assim é bem sombria! Por favor, leia com responsabilidade. Se tiver dúvidas em relação à lista abaixo, não hesite em entrar em contato comigo em brynneweaverbooks.com ou através de uma das minhas redes sociais (sou mais ativa no Instagram e no TikTok).

- Globos oculares, mas não órbitas oculares. Não precisa me agradecer
- Dentes e assuntos relacionados
- Pizza e cerveja, que talvez nunca mais sejam a mesma coisa. Vitaminas também não. Mesmo assim, não me arrependo
- Globos de neve
- Autocanibalismo...? Seja bem-vindo a um debate do qual você nunca imaginou que iria participar
- Inúmeros objetos pontiagudos e armas, incluindo dardos, tesouras, revólveres, serras, facas, esmerilhadeiras, um aparador de grama e um pequeno instrumento chamado colher de enucleação
- Dedos decepados
- Talvez você mude de opinião a respeito de artesanato feito com epóxi
- Colisões entre veículos
- Diferentes tipos de afogamento
- Doença terminal de um ente querido
- Cenas de sexo detalhadas, que incluem (mas não estão limitadas a) brinquedos para adultos, asfixia, sexo violento, humilhação leve, atos sexuais em público, inversão de papéis, *praise kink*
- Referências a negligência parental e abuso infantil (não explícitas)
- Referências a violência sexual infantil (não explícitas)
- Referências a religião e traumas relacionados
- Linguagem explícita e ofensiva, incluindo muitas “blasfêmias”. Depois não diga que não avisei!

- Cachorro ferido (a causa do ferimento não é mostrada, e ele está bem, juro!)

- Há muitas mortes... é um livro sobre um matador de aluguel e uma assassina em série que se apaixonam, então acho que provavelmente isso é óbvio

*Para quem chegou aqui depois do sorvete
de Cutelo & Corvo, leu apenas os gatilhos de Couro & Rouxinol
e pensou: “Ela não está falando sério em relação à pizza... está?”.
Este é para você.*

PLAYLIST

DISPONÍVEL NO APPLE MUSIC E NO SPOTIFY

Apple Music



Spotify



PRÓLOGO - FAÍSCA

I Only Have Eyes For You – The Flamingos

CAPÍTULO 1 - SUBMERSO

TUNNEL VISION – Melanie Martinez

444 – Ashley Sienna

CAPÍTULO 2 - NA MOSCA

Underground – MISSIO

Pulse – Young Wonder

CAPÍTULO 3 - GUILHOTINA

Cuz You're Beautiful – Kiyashqo

BITE – Troye Sivan

CAPÍTULO 4 - CULTIVAR

November – PatrickReza

Shutdown – HUDSUN

CAPÍTULO 5 - FIOS

SLOW DANCING IN THE DARK – Joji

Lay Your Cards Out – POLIÇA

CAPÍTULO 6 - LEYTONSTONE

Stay with Me – Kevin Olusola

Don't Leave – Snakehips & MØ

CAPÍTULO 7 - JUSTIÇA

Laalach – TroyBoi

Fall Away (feat. Calivania) – UNDREAM

Above the Clouds – Luca

CAPÍTULO 8 - FRICÇÃO

Who Do You Want – Ex Habit

How Soon Is Now (feat. Dresage) – AG

CAPÍTULO 9 - BURACO

One of Your Girls – Troye Sivan

Love Made Me Do It – Ellise

CAPÍTULO 10 - TROFÉUS

Kiss and Collide – Blondfire

Downtown – Allie X

CAPÍTULO 11 - HOLOGRAMA

Pilgrim – MØ

Seconds – Ghost Loft

CAPÍTULO 12 - IN NOMINE PATRI

O.D.D. – Hey Violet

Blur – MØ

CAPÍTULO 13 - REDE

If You Wanna – Kiyashqo

Everybody's Watching Me (Uh Oh) – The Neighbourhood

CAPÍTULO 14 - RETIRO

Superstar – MARINA

Love Me – Jane XØ

Front to Back – Buku

CAPÍTULO 15 - SINAIS

Can't Forget You – NEVR KNØW

Too Deep – Kehlani

CAPÍTULO 16 - HINOS

Fears – MTNS

Never Enough – TWO LANES

CAPÍTULO 17 - ASCENSÃO

Fight! – Ellise

Soft to Be Strong – MARINA

CAPÍTULO 18 - HOLOFOTE

Don't Dream It's Over – Kevin Olusola

TALK ME DOWN – Troye Sivan

Ruinous love – T. Thomason

CAPÍTULO 19 - EXPOSTA

Close (feat. Tove Lo) – Nick Jonas

Tranquilizer (feat. Adekunle Gold) – TroyBoi

CAPÍTULO 20 - RASTEJANDO

Make You Mine – Madison Beer

Make Me Feel – Elvis Drew

CAPÍTULO 21 - ENUCLEAÇÃO

Arms of Gold (feat. Mia Pfirrmann) – Tape Machines
Dangerous [Oliver Remix] (feat. Joywave) – Big Data
Back to the Wall – TroyBoi

CAPÍTULO 22 - ANDARILHO

Alone (Slow Edit) – BLVKES
New Religion – Migrant Motel

CAPÍTULO 23 - ÚLTIMA DEFESA

Immortal – MARINA
Dizzy – MISSIO

CAPÍTULO 24 - APARIÇÃO

Triggered – Chase Atlantic
We Appreciate Power (feat. HANA) – Grimes

CAPÍTULO 25 - CHAMUSCADOS

Twisted – MISSIO
Work – ionnalee
Locked – Welshly Arms

CAPÍTULO 26 - RENOVAÇÃO

Liability (feat. Astyn Turr) – Tape Machines
My My My! – Troye Sivan
Believe in Love – MARINA

EPÍLOGO - TRUQUE DE MÁGICA

Afterlife – Hailee Steinfeld

CAPÍTULO BÔNUS - ARNÊS

Troublemaker (feat. Izaya) – Omido
Love U Like That – Lauv

PRÓLOGO

FAÍSCA

LARK

— Essas são as consequências dos seus atos, queridinho – digo enquanto desenrolo o pavio dos fogos de artifício presos no meio das pernas de Andrew.

Os gritos dele atingem um nível febril contra a fita colada em sua boca.

Ninguém jamais imaginaria isso só de olhar para mim, mas é verdade... adoro o som do tormento dele.

Andrew soluça e se debate na cadeira. Eu lhe dou um sorriso radiante e continuo recuando pelo descampado em direção às árvores, perto o suficiente para ver o medo em seus olhos, longe o bastante para estar protegida por troncos grossos ao deixá-lo sozinho na clareira. Seus gritos abafados são desesperados. A respiração acelerada faz o ar sair de seu nariz em nuvens de vapor que se estendem em direção ao céu estrelado.

– Sabe por que você tá aí com fogos de artifício amarrados no pau e eu aqui do outro lado do pavio? – grito.

Ele balança a cabeça e depois assente como se não conseguisse decidir qual resposta acabará com essa tortura. A verdade é que não importa a resposta que ele dê.

– Se eu arrancasse a fita da sua boca, você provavelmente me diria que *sente muito mesmo* por comer a Savannah na nossa cama enquanto eu estava fora, não é?

Ele balança a cabeça descontroladamente, suas baboseiras previsíveis presas na fita em sua boca. *Desculpa, eu sinto muito, muito mesmo, nunca mais vou fazer isso, te amo, juro...* blá, blá, blá.

– Na verdade, não é bem por isso que a gente tá aqui.

Andrew fica me olhando, piscando os olhos, tentando decifrar o que quero dizer enquanto meu sorriso se torna feroz, e, quando isso acontece, o verdadeiro pânico se instala. Talvez sejam minhas palavras, ou talvez seja o brilho de prazer nos meus olhos. Talvez seja a maneira como olho para ele sem piscar. Ou talvez seja a risada que solto quando acendo o isqueiro que tenho na mão. Talvez sejam todas essas coisas combinadas que o façam se mijar. A urina cintila em riachos iluminados pela lua enquanto escorre por suas pernas nuas e trêmulas.

– Isso mesmo, queridinho. Eu conheço os seus segredos. *Todos eles.*

Meus olhos permanecem fixos nos de Andrew enquanto lentamente aproximo a chama do pavio.

– Merda, quase esqueci.

Deixo a chama se apagar.

O corpo de Andrew cede de esperança e alívio.

Esperança. Que gracinha.

Acho que não posso culpá-lo por ter esperança; um dia, eu também tive. Esperança em *nós*.

Mas fui ingênua ao pensar que Andrew era o homem certo para mim, com seu toque de bad boy. As duas tatuagens bem posicionadas eram muito sexy. O cabelo sempre desgrenhado dava um ar de *não tô nem aí*. Até mesmo sua incapacidade de se manter em um emprego parecia descolada, embora eu não saiba por quê. De alguma maneira, eu me convenci de que ele era apenas um rebelde.

Só que aí ele trepou com nossa amiga Savannah enquanto eu estava fora da cidade, e eu me dei conta de que ele não é um rebelde.

Ele é um babaca.

E não apenas isso. Depois que descobri que ele havia me traído, peguei o celular dele e vi até que ponto eu estava enganada sobre o cara que chamava de namorado. Encontrei mensagens para garotas, algumas delas jovens demais para saber que não deveriam confiar em um baterista gostoso que dizia que elas eram lindas e prometia toda a atenção do mundo. Encontrei mais do que apenas um bad boy.

Encontrei um maldito predador.

Alguém que havia conseguido se infiltrar nas minhas defesas. Só que, anos atrás, prometi a mim mesma uma coisa:

Nunca mais.

Ao erguer os olhos para o céu noturno, não é o agora que vejo. Não são nem lembranças da raiva e do nojo que senti quando olhei o celular de Andrew. É uma memória das torres de pedra cinzenta do prestigioso Ashborne Collegiate Institute, com pontas cobertas de cobre apontando para as estrelas. Mesmo agora, anos depois, ainda consigo evocar a sensação de pavor que se escondia por trás de cada respiração minha dentro daquele lugar. Era um palácio de salas escuras e segredos repugnantes. Um castelo de arrependimento.

Predadores como Andrew povoam nosso belo planeta como uma maldita nuvem de gafanhotos. Às vezes, parece que nenhum lugar está livre da infestação, mesmo fortalezas que deveriam ser sagradas, como o Ashborne Institute. Bonito e grandioso. Isolado. *Seguro*. Tal como na natureza, as coisas mais belas são muitas vezes as mais perigosas.

E o que dizer do Sr. Laurent Verdon, o diretor do Departamento de Artes do Ashborne Institute? Bem, ele prometeu coisas maravilhosas.

O arrependimento toma conta de mim. Arrependimento pela morte do Sr. Verdon. Mas não da forma que se imagina.

Eu é que deveria tê-lo matado.

E agora minha melhor amiga Sloane vai passar o resto da vida carregando esse fardo e suas consequências nos ombros.

Vejo manchas brilhantes de luz branca enquanto pressiono os olhos fechados, cada vez com mais força. Quando os abro de novo, o passado está outra vez guardado em segurança. Naquela época, eu não tinha poder. Mas agora é diferente.

Predadores podem fazer belas promessas, mas a minha é simples e direta.

Nunca.

Mais.

Pode não ser tão bela, mas dou o melhor de mim para cumpri-la de forma *espetacular*.

Respiro profundamente o ar puro de outono. Então sorrio para Andrew e vasculho minha bolsa até encontrar a caixinha de som portátil e conectar meu celular.

– Uma musiquinha cai tão bem nessas horas, não acha? – pergunto enquanto coloco “Firework”, de Katy Perry, para tocar no volume máximo.

Previsível? Sim. Perfeito? Também.

Canto junto e não me preocupo em disfarçar meu largo sorriso. Pode não haver nenhuma chance para Andrew, como Katy sugere, mas ele definitivamente vai sentir uma faísca por dentro.

– Bom, acho que chegou a hora de começar o show. E você sabe o que fez. Eu também. Nós dois sabemos que não posso deixar você sair dessa. Como eu disse, gatinho – acrescento em meio à música, dando de ombros.
– Consequências.

Acendo o pavio ao som do desespero renovado de Andrew.

– *Ciao*, queridinho. Foi... sei lá – grito por sobre o ombro enquanto entro na floresta para ficar em segurança.

Os gritos de Andrew criam uma harmonia agradável com o crescendo da música e a percussão dos fogos de artifício que estalam e explodem na noite. Seu sofrimento é um grande espetáculo de faíscas coloridas, uma salva de luzes brilhantes e sons estrondosos. Para falar a verdade, é uma morte mais majestosa do que ele merece. Todo mundo deveria ter essa sorte.

É absolutamente magnífico.

Nem sei dizer quando os lamentos de Andrew param, pelo menos depois que os fogos começam a explodir. Essas coisas são *barulhentas*.

Quando a queima cessa e as últimas faíscas não passam de estrelas cadentes, entro na clareira. O cheiro de salitre, enxofre e carne humana chamicada emana da forma enegrecida e fumegante no meio do descampado.

Com passos cuidadosos, vou até ele. Não sei dizer se ainda está respirando e não vou verificar seu pulso. De qualquer forma, não vai fazer diferença para ele. Mesmo assim, observo por um bom tempo, a música ainda tocando ao fundo, onde deixei a caixinha, na grama alta. Talvez eu esteja procurando por sinais de vida. Ou talvez esteja esperando que eu mesma dê sinais de vida. Uma pessoa normal sentiria culpa ou tristeza, não? Quer dizer, eu o amei por dois anos. Pelo menos, achava que sim. Mas o único arrependimento que sinto é não ter enxergado o verdadeiro Andrew antes.

Até mesmo esse tom de remorso é embotado por um sentimento de realização. De alívio. É poderoso descobrir segredos e explodi-los provocando uma luz linda e brilhante. E mantive minha promessa. Ninguém mais sofre, exceto aqueles que merecem. Eu mesma me certifiquei disso. Se a alma de alguém vai ficar marcada por esta morte, que seja a minha.

Nunca mais.

Um gemido baixo atravessa a música. A princípio não acredito, mas depois o som emerge novamente sob uma nuvem de fumaça.

– Minha nossa, gatinho – digo, logo depois de uma risada incrédula. Meu coração canta no peito. – Não acredito que você ainda tá vivo.

Andrew não responde. Não sei se consegue me ouvir. Seus olhos estão fechados, a pele carbonizada e em carne viva, sangue escorrendo das bordas deformadas das queimaduras. Não tiro os olhos da névoa que sai de seus lábios entreabertos enquanto vasculho as profundezas da minha bolsa até encontrar o que procuro.

– Espero que tenha gostado do show. Foi belíssimo – digo enquanto saca a arma do coldre e pressiono o cano em sua testa. Outro gemido baixo escapa noite adentro. – Mas eu não trouxe fogos de artifício suficientes para um bis, então você vai ter que usar a imaginação.

Aperto o gatilho e, com uma explosão final, há um gafanhoto a menos no mundo.

E só consigo me sentir de uma maneira.

Absolutamente invencível.

SUBMERSO

LARK

— Não prende a respiração! – grito para o homem que está afundando no carro enquanto bate na janela e implora pela minha misericórdia. – Escutou?

Acho que ele não me ouviu. Mas tudo bem. Apenas sorrio enquanto aceito com uma mão, a arma apontada para ele com a outra, caso a janela se abra e ele consiga escapar.

Felizmente, a pressão da água que sobe torna sua fuga praticamente impossível e, em poucos instantes, o veículo fica submerso. Bolhas estouram na água escura enquanto o carro desliza sob as ondas suaves do reservatório Scituate. Os faróis apontam para as estrelas, piscando enquanto as conexões elétricas sucumbem à inundação.

– *Merda.*

Isso não é bom.

Na verdade, é incrível. Mas também é um enorme pé no saco.

Mordo o lábio e observo até que as luzes se apagam e a superfície fica imóvel. Quando tenho certeza de que tudo permanecerá em silêncio, pego meu celular e abro a lista de contatos. Meu polegar paira sobre o número de Ethel. Era para ela que eu sempre ligava quando as coisas iam por água abaixo. Tudo bem, um carro-caixão no fundo de um lago talvez seja extrapolar um pouquinho a definição habitual de *ir por água abaixo*, mesmo se o timing já não tornasse impossível pedir a ajuda de Ethel.

Com um suspiro, seleciono o número logo acima do dela. Dois toques e ele atende.

– Lark, minha rouxinol – cantarola meu padraço do outro lado da linha.

Reviro os olhos e sorrio quando ele me chama pelo apelido de infância.

Meu tom cauteloso é o primeiro sinal de que pode haver algo de errado quando digo:

- Oi, papai.
- O que houve, meu amor? Tá tudo bem?
- Claro...
- Alguém vomitou no tapete? – pergunta ele.

Posso supor que ele tomou alguns drinques na própria festa de Halloween, uma vez que ainda não percebeu que não há nenhum baixo pesado nem vozes estridentes ao fundo do meu lado da linha.

- Vou pedir pra Margaret providenciar uns produtos pra você fazer a faxina logo de manhã. Não se preocupa com isso, meu bem.

Uma bolha final e contundente irrompe do lago como um ponto de exclamação.

- Humm, não é bem dessa faxina que eu preciso...

A ligação fica em silêncio. Engulo em seco.

- Pai...? Você ainda tá aí?

Do outro lado da linha, uma porta se fecha ao fundo, abafando as risadas, as vozes e a música. Ouço a expiração instável do meu padrasto logo em seguida. Consigo quase visualizá-lo, provavelmente esfregando os dedos na testa em uma tentativa inútil de esfriar a cabeça.

- Lark, o que houve? Você tá bem?

- Tô, eu tô ótima – respondo, como se a camiseta enrolada e ensanguentada que pressiono na testa, bem onde começa o couro cabeludo, onde lateja um corte profundo, fosse apenas um pequeno inconveniente.

Devo estar sorrindo feito uma lunática. A fantasia de Arlequina e as vinte camadas de maquiagem que estou usando provavelmente também não ajudam, então acho que há mais de um motivo para estar grata por não haver ninguém por perto.

- Eu mesma posso resolver se você me der o número.

- Onde você tá? A Sloane fez alguma coisa?

- Não, de jeito nenhum – digo com a voz firme, e meu sorriso desaparece no mesmo instante. Embora eu odeie que ele conclua logo que a culpa é da minha melhor amiga, engulo minha irritação em vez de liberá-la. – A

Sloane deve estar enfiada em casa com um livro indecente e aquele gato demoníaco. Vim passar o fim de semana fora. Não estou em Raleigh.

– Então onde você tá?

– Rhode Island.

– Puta merda.

Sei o que ele está pensando, que estou muito perto de casa para uma merda dessa natureza.

– Foi mal, mesmo. O carro só... – Busco as palavras certas para explicar, mas apenas uma vem à mente: – ... afundou.

– O *seu* carro?

– Não. O meu... – Olho por cima do ombro em direção ao meu Escalade, os faróis estilhaçados me encarando. – O meu já viu dias melhores.

– Lark...

– Pai, eu consigo resolver. Na verdade, só preciso do número da pessoa que faz a faxina. O ideal é que ela tenha um reboque. E, quem sabe, equipamento de mergulho.

A risada dele não tem nenhum humor.

– Você só pode estar de brincadeira.

– Em relação a quê?

– Tudo, espero.

– Bem – digo enquanto me inclino sobre as rochas para espiar a água –, talvez alguém que saiba mergulhar com snorkel já resolva. Acho que não é *tão* fundo assim.

– Meu Deus do céu, Lark.

Um suspiro sofrido permeia a linha. Odeio a sensação de decepcioná-lo. É como se ele estivesse bem ao meu lado com aquele olhar que já vi tantas vezes, aquele que diz que ele gostaria que eu desse um jeito na minha vida, algo que ele simplesmente não consegue verbalizar por não suportar a ideia de partir meu coração.

– Tá bem – responde, por fim. – Vou te dar o número de uma empresa chamada Leviathan. Você vai precisar fornecer a eles o código da conta. Mas *não* diz o seu nome pra eles. Nem por telefone, nem quando chegarem. Eles podem ser profissionais, mas são pessoas perigosas, filha. Quero que você me mande mensagem a cada meia hora pra me avisar que está bem até chegar em casa, entendeu?

- Claro.
- E *nada* de nomes.
- Entendido. Obrigada, pai.

Um longo silêncio se estende entre nós antes que ele finalmente volte a falar. Quem sabe ele queira dizer mais, chamar minha atenção, fazer algumas perguntas incômodas. Mas não faz nada disso.

- Te amo, filha. Toma cuidado.
- Pode deixar. Também te amo.

Assim que desligamos, recebo uma mensagem do meu padrasto com um número de telefone e um código de seis dígitos. Quando ligo, uma mulher educada e eficiente atende e anota os detalhes. Suas perguntas são diretas e minhas respostas são curtíssimas. *Você está machucada? Não. Quantos mortos? Um. Algum pedido especial para facilitar a limpeza? Equipamento de mergulho.*

Depois que ela me passa os termos e condições, e detalhes de pagamento, desligo e volto para o meu Escalade, o sistema de arrefecimento funcionando sob o capô amassado. Eu poderia esperar dentro do veículo, onde está quente, mas não faço isso. Esse acidente vai afetar o meu sono, que já é zoado, então também não preciso sentar nos destroços e evocar mais pesadelos ainda. Mesmo assim, valeu a pena encarar as consequências só para ver aquele predador de merda afundar no reservatório.

Mais um gafanhoto exterminado.

Quando uma amiga de Providence mencionou boatos sobre um professor pervertido na escola da irmã mais nova, não demorou muito para que o desgraçado mordesse a isca: minhas contas falsas nas redes sociais. Em pouco tempo, ele estava pedindo fotos e implorando por um encontro com “Gemma”, meu alter ego adolescente. E eu pensei: *caramba, por que não? Posso ir pra minha cidade fazer uma visita, comemorar o Halloween e me livrar de um verme.* Tecnicamente, acho que tive sucesso, embora a princípio não tivesse a intenção de atirar o Sr. Jamie Merrick na água. Eu queria forçá-lo a parar no acostamento da estrada e dar um tiro na cara dele, encontrar um troféu digno para levar comigo e depois deixá-lo lá feito o lixo que ele é. Infelizmente, ele percebeu que seria alvo de uma emboscada e quase escapou. Acho que acabei dando a ele uma pista com minha tentativa fracassada de atirar em um de seus pneus quando ele se recusou

a encostar. Gargalhar feito uma louca enquanto sacudia a arma pela janela também não deve ter ajudado.

Pode parecer surpreendente, mas na verdade não é tão difícil escapar impune depois de atirar em alguém numa estrada deserta e ir embora. O problema é que é um pouco mais difícil cobrir os próprios rastros quando parte do seu carro está impressa no carro alheio.

A parte boa é que jogar o veículo daquele babaca no lago deu um toque mais teatral.

– Vai dar tudo certo no final – sussurro enquanto uso uma moeda para afrouxar os parafusos da placa traseira.

A placa da frente é uma folha de metal amassada (catei do meio da estrada). Quando termino, pego meu casaco no Escalade e visto um moletom cinza por cima do shortinho minúsculo e da meia arrastão. Com a arma guardada em segurança dentro da bolsa, reúno a papelada dentro do porta-luvas antes de jogar a alça por cima do ombro e fechar a porta.

Por um instante, fico parada na encosta íngreme de pedras onde o carro de Jamie capotou, catapultando-o para a vida após a morte. O rosto dele está nítido na minha mente, iluminado pelos faróis no instante anterior ao acidente. Olhos arregalados e apavorados. Cabelo loiro cacheado. A boca aberta em um grito silencioso. Ele estava aterrorizado. Sabia que estava prestes a morrer e não tinha ideia do porquê.

Será que eu deveria me sentir mal por isso? Porque não me sinto. Nem um pouco.

Pisco os olhos para afastar a fúria que ainda corre em minhas veias e sorrio para a sepultura de água à frente.

– Às vezes o carma precisa de uma forcinha extra, não acha, Sr. Merrick?

Com um suspiro de satisfação, caminho em direção à costa rochosa.

Mando uma mensagem para meu padrasto dizendo que estou bem e defino um timer para o envio das próximas mensagens. Depois, subo pelas rochas até encontrar um lugar fora de vista para quem vem da estrada. Com o capuz puxado sobre as tranças e o corpo dolorido por conta do acidente, eu me deito em uma das pedras de granito e olho para o céu, o lugar perfeito para esperar.

E é isso que faço.

Por quase três horas.

Durante este tempo, um veículo ou outro passa de vez em quando, embora não possam me ver aqui, escondida nas sombras das pedras. Nenhum deles se aproxima para verificar o Escalade. Consegui estacioná-lo próximo à vala perpendicular ao lago antes que ele morresse por completo e, a não ser que alguém esteja passando pela estrada menos usada e prestando atenção, é difícil ver o dano. Então, quando um carro antigo com motor barulhento se aproxima lentamente e para ao lado do meu SUV, sei no mesmo instante. Meu coração troveja enquanto permaneço agachada entre as rochas para observar.

Meu celular vibra com uma mensagem de um remetente desconhecido.

Aqui.

– Curto e grosso – digo para mim mesma antes de me levantar.

Minha cabeça gira um pouco e minhas pernas parecem bambas no começo, mas consigo me recompor enquanto me aproximo do carro.

O motor desliga. Seguro a bolsa junto ao corpo com uma mão lá dentro, as pontas dos dedos tocando o cabo gelado da arma.

Quando paro hesitante no meio da estrada, a porta se abre e um homem sai, seu corpo musculoso coberto por uma roupa de mergulho preta. Uma máscara cobre seu rosto de modo que apenas seus olhos e boca fiquem visíveis. Sua constituição física é vigorosa, mas cada movimento é gracioso conforme ele se aproxima.

Aperto a arma.

– Código – diz ele entredentes.

Esfrego a cabeça com a mão livre enquanto tento lembrar a sequência numérica que repeti para mim mesma diversas vezes desde que meu padrao me passou. Com esse cara esquisito me encarando, levo um pouco mais de tempo do que deveria para me lembrar.

– Quatro, nove, sete, zero, seis, dois.

Mal consigo ver os olhos do homem na noite sem luar, mas posso *senti-los* à medida que deslizam do meu rosto até os dedos dos pés e sobem de volta.

– Machucada – sussurra ele, como se estivesse tentando dar a impressão de que engoliu cascalho.

– O que...?

Ele se aproxima. Recuo, mas não dou mais de três passos antes que ele segure meu pulso. Os pensamentos sobre minha arma evaporam quando a palma da mão dele aquece minha pele fria, seu toque firme mas gentil, enquanto ele acende uma lanterna e aponta para a minha testa, bem para a linha do couro cabeludo.

– Pontos. – É tudo o que diz.

– Ah... bem, não deu pra fazer isso na hora – respondo.

Ele dá um grunhido, como se fosse problema *meu* não ter costurado meu próprio ferimento na cabeça.

Dou um puxão rápido no braço, mas ele me segura. Minha tentativa de me desvencilhar de seu aperto também é inútil; ele apenas segura meu pulso com mais força antes de apontar a luz para o meu olho esquerdo, depois para o direito.

– Inconsciente? – pergunta ele.

Quando estreito os olhos e enrugo a testa em uma pergunta muda, ele bate na minha cabeça com a lanterna.

– Ai...

– Inconsciente? – repete ele com um tom de comando, embora sua voz seja pouco mais que um sussurro.

– Você tá querendo saber se eu desmaiei? Não.

– Enjoo?

– Um pouco.

– Concussão – declara ele com a voz áspera.

Ele solta meu pulso como se eu tivesse alguma doença contagiosa e depois se vira, caminhando em direção ao cruzamento onde atrolei uma placa de Pare para atingir a lateral do carro de Jamie Merrick.

Sigo o homem enquanto ele mantém a luz apontada para o asfalto. Ele não me diz o que parece estar procurando, mas presumo que sejam pedaços dos veículos deixados para trás em razão do impacto.

– Eu nunca tive uma concussão. Posso entrar em coma? – pergunto, tentando alcançá-lo, seguindo-o de perto.

– Não.

– Você acha que estou com algum sangramento cerebral?

– Não.

– Mas como você pode ter certeza? Você é médico?

– Não.

– Ah, que bom, porque seu trato com o paciente é péssimo.

O homem bufa, mas não se vira. Quando ele para de repente, quase dou de cara com suas costas. Estou tão perto que sinto o cheiro persistente de mar em sua roupa de mergulho. Não é preciso muito esforço para imaginar a magnitude dos músculos escondidos sob a fina camada de borracha sintética que nos separa. Será que eu deveria estar imaginando se ele também surfa, ou como seria vê-lo tirar o traje molhado na praia? Provavelmente não. Mas estou.

Afasto dos pensamentos a imagem de seu corpo irritantemente atlético e me concentro no movimento lento da lanterna que ele carrega enquanto a luz atravessa a estrada de uma vala a outra.

Ele aponta a luz para os pés e fica imóvel, como se tivesse sido enredado por um pensamento que o impede de sair do lugar.

E, quanto mais tempo fica ali, mais fácil é lembrar que ele é meio babaca.

Minha mente pode estar um pouco confusa e lerda agora, mas logo, logo me atenho aos fatos: esse cara é um babaca monossilábico que grunhiu um diagnóstico sem embasamento, como se não houvesse nada com o que me preocupar.

Concussão, disse ele.

– E se...

– Bêbada? – pergunta ele, mal-humorado, ao se virar na minha direção. Fico olhando para o sujeito. A raiva se atíça no meu peito.

– Como é que é?

– *Bêbada*?

Ele se inclina para a frente. Meu rosto está a centímetros do dele. Minha fúria latente entra em erupção quando ele inspira fundo pelo nariz.

Eu o empurro com as duas mãos. *Meu Deus*, é como tentar derrubar uma estátua de mármore. Ele se afasta de mim, mas apenas porque quer, não porque eu o obriguei.

– Não, não estou bêbada, seu babaca monossilábico. Não bebi nem uma gota de álcool.

Ele bufa.

– E aí? Sentiu algum bafo quando estava colado na minha cara, cheirando meu hálito que nem um psicopata?

Isso me rende mais um bufo.

– Isso mesmo. Então, obrigada por sua opinião que ninguém pediu, ô cosplay de Batman – digo enquanto aponto com desdém para seu macacão de neoprene –, mas eu jamais iria dirigir se tivesse bebido. Na verdade, não sou muito de beber.

Ele resmunga o que talvez seja apenas um grunhido de alívio.

– Certo.

– E quero que saiba que sou uma bêbada muito agradável. Não do tipo que provoca acidentes.

– Acidentes – grunhe ele, e, embora seja apenas uma palavra, o sarcasmo em seu tom é inegável. Ele gesticula ao nosso redor com a lanterna. – Nenhuma freada.

Dou uma risada sarcástica.

– Freada... que tipo de freada?

Ele solta um suspiro frustrado.

– Freadas. Marcas de pneu – vocifera, e dou um pigarro em uma tentativa fracassada de conter o riso. – Deve haver marcas de freada no local onde você tentou parar.

Dessa vez, não consigo me segurar: dou uma boa gargalhada. E mesmo que o cosplay de Batman esteja usando máscara, sinto seu olhar fixo em mim.

– Eu sei que você deve morar numa caverna com o Alfred, mas isso é de um filme. *Chumbo Grosso*. Freada. Sabe, aquele com o Simon Pegg e o Nick Frost...? O Timothy Dalton acaba empalado na torre da igreja da vila em miniatura? É engraçadíssimo.

Há um instante prolongado de silêncio.

– *Fala sério*. A frase mais longa que você conseguiu reunir em sua performance sussurrante de cosplay de Batman é sobre freadas, e você espera que eu não dê risada?

– Ele não é muito de falar – diz outra voz no meio da noite.

Há um lampejo de movimento à minha direita. Antes mesmo que eu possa me virar, o braço do Batman envolve minha cintura, me puxando para trás dele. Minha bolsa cai no chão e dou com a cara na parede de tijolos revestida de neoprene que são as costas do Batman.

– *Filho da...*

– Abaixa a arma, cara. Sou eu – diz a nova voz, interrompendo a enxurrada de palavrões que eu estava prestes a vociferar.

O cara novo ri, e o Batman me solta. Agora que minha cabeça parou de girar, entendo o que aconteceu. Como que por instinto, ele se colocou entre mim e o perigo, me mantendo fora de vista.

Olho por cima do ombro do Batman e vejo outro homem mascarado parado a poucos metros de distância. As mãos dele estão erguidas em sinal de rendição e a postura é indiferente, apesar da arma que meu protetor aponta para seu peito.

A *minha* arma.

– Seu babaca, isso é *meu*. Devolve.

O cosplay de Batman zomba quando bato em seu bíceps enquanto ele baixa a arma na lateral do corpo.

– Não – responde ele, e depois se afasta.

Ele me deixa no escuro enquanto se aproxima do cara novo, minha bolsa jogada aos meus pés, o conteúdo do meu estojo de maquiagem aberto espalhado pelo asfalto. Os dois homens falam em voz baixa e ouço uma frase ou outra enquanto reúno meus pertences em meio à penumbra. *Rebocar o carro dela... O corpo está no lago... Provavelmente estava no celular. Só um acidente besta...*

Um acidente besta.

Minhas bochechas esquentam sob a camada de maquiagem branca. A vontade de dizer a verdade é tão forte que vem até a garganta, mas eu a engulo e me abaixo para continuar recolhendo o conteúdo espalhado da minha bolsa. Depois enfio tudo de volta lá dentro enquanto lanço olhares para os dois homens, mas eles não veem.

E realmente importaria se eu esclarecesse as coisas? Esses caras são *faxineiros* profissionais. Eles resolvem problemas para pessoas muito mais assustadoras e perigosas do que eu. Tenho certeza de que já viram de tudo, desde acidentes de verdade até tortura e tudo mais. Que mal faria se soubessem a verdade?

Mas não posso correr o risco de impactar minha família por causa dessa confissão. Eles podem não ser as pessoas mais íntegras e corretas, mas tenho um papel a desempenhar e, embora *agente do caos* possa ser adequado para me definir, *assassina* definitivamente não é.

Então coloco um sorriso radiante no rosto, penduro a bolsa no ombro e vou até eles.

– Detesto interromper a reuniãozinha de sussurros dos super-heróis, mas não é melhor a gente colocar logo a mão na massa, não? Faltam quatro horas e 22 minutos para o sol nascer – digo, apontando a lanterna para meu relógio de pulso.

Quando ergo os olhos, o cara que acabou de chegar inclina a cabeça como se estivesse surpreso com a velocidade do meu cálculo. Provavelmente isso se justifica, dada a primeira impressão duvidosa. Quando desvio o olhar para o Batman, seus olhos são uma fenda estreita atrás da máscara. Mas endireito os ombros e levanto o queixo, me protegendo do julgamento dele.

– E então? Quanto mais cedo resolvermos isso, mais cedo nunca mais vamos nos ver.

– Por mim, tudo bem, Barbie Sem Noção – retruca meu Cavaleiro das Trevas de roupa de mergulho.

Embora não consiga identificar a origem, percebo a cadência de um sotaque, apesar de sua tentativa de escondê-lo.

– Não vá se afogar, cosplay de Batman. O que Rhode Island faria sem suas habilidades exemplares de atendimento ao cliente e seus diagnósticos médicos cheios de empatia?

O cara que chegou por último bufa enquanto cruzo os braços e encaro o Batman, me envolvendo em uma disputa que parece durar seis anos. Ele enfim desvia o olhar e passa o coldre com minha arma para seu ajudante, com instruções estritas de não me devolvê-la. Em seguida, ele se vira, bufando, e segue em direção ao carro para pegar seu equipamento de mergulho.

O recém-chegado e eu observamos em silêncio enquanto nosso companheiro rabugento verifica os tanques de oxigênio, leva o equipamento até a margem, troca as botas por pés de pato e submerge na água escura.

– Eu sou o Conor – diz meu novo companheiro, sem tirar os olhos do lago enquanto estende a mão em minha direção.

– Barbie Fodona – respondo, aceitando o aperto de mão. – Também conhecida como Arlequina, mas só hoje.

– Imaginei. Bacana a maquiagem.

– Obrigada. Não sei se seu amigo concorda. Ele é sempre tão babaca assim?

– A maior parte do tempo. É, sim.

– Que legal.

– Normalmente ele só gosta de irritar e implicar com as pessoas. Hoje é que ele tá mais pra babaca mesmo.

– Ele é babaca em várias esferas, então. Bom saber.

Conor ri e me passa a arma, mas a segura até que eu o encare.

– Não faça nenhuma burrice.

– Prometo.

– E se alguém arrumar confusão com você, atira – diz Conor.

Eu assinto, e ele solta a arma. Eu a puxo de suas mãos de forma lenta e cuidadosa. Com um avaliador olhar final, ele se vira e se afasta pela estrada deserta.

– E se quem arrumar confusão comigo for o seu amigo? – pergunto.

– Atira nele, sem dúvida. É só mirar no joelho. O resto ainda pode ser útil.

Sorrio e coloco a arma na bolsa antes de voltar minha atenção para o lago. Vejo o brilho suave de uma lanterna à prova d'água sob a superfície ondulante. Não demora muito para que o som de um motor se aproxime e um reboque pare ao lado do meu Escalade. Conor trabalha com eficiência para guinchá-lo e, assim que termina, dirige-se à margem para esperar seu companheiro. Pouco tempo depois, um corpo sobe à superfície, seguido pelo meu Cavaleiro das Trevas rabugento.

Meu coração dispara quando ele cospe a válvula do respirador e passa o braço ao redor do cadáver para trazê-lo até a margem. Eu me pego mexendo na alça da bolsa enquanto o observo avançando. Neste breve encontro, o escrutínio em seus olhos foi como uma queimadura na minha pele. Mesmo agora, embora não consiga rastrear seu olhar à distância na escuridão da noite, ainda posso senti-lo me engolindo, me atravessando como uma lâmina invisível. Por que eu deveria me importar com a maneira como ele me olha? Com o que está pensando? Ele não sabe nada sobre mim, ou sobre o que aconteceu, ou por que isso teve que ser feito.

Ele não sabe da promessa que preciso cumprir.

– Ele não passa de um estranho – digo a mim mesma em voz alta quando meus pensamentos simplesmente não são suficientes. – Depois de hoje à noite, você nunca mais vai ver esse homem.

Dou alguns passos à frente para ver Conor ajudar a trazer o corpo até a margem enquanto Batman sai da água para largar seu equipamento nas rochas. Quando ele termina, os dois erguem o cadáver de Merrick, Conor agarrando as pernas moles enquanto Batman segura os braços. Com alguns grunhidos e pequenos tropeços, eles chegam à estrada, soltando o corpo aos meus pés.

Por um longo momento, ouve-se apenas o som da respiração ofegante dos dois.

Eles me observam. Eu os observo de volta. Uma espessa cortina de silêncio baixa sobre nós. É como se estivessem esperando que eu começasse a cantar e dançar, mas eu tivesse esquecido todas as letras. Não consigo me lembrar da coreografia nem do que devo fazer.

Conor inclina a cabeça, e a epifania que me vem num estalo fica marcada em meu rosto. Levo a mão ao coração e aponto para o corpo esparramado na estrada.

– Ai... Meu Deus... que horror... o que foi que eu fiz...

Mais silêncio. Uma coruja pia nas sombras da floresta.

– Que tragédia... – prossigo enquanto dou um tapinha em meus cílios secos. – Que tristeza... Nunca vou me perdoar.

– Deus meu – sussurra Batman entredentes. – Clássico.

– Como é que é?

– *Clássico* – repete ele, chegando mais perto para me encarar. – Você é a princesinha perfeita de alguém que literalmente não dá a mínima pra um cara inocente que cruzou o seu caminho de destruição.

O protesto que começo a elaborar a respeito da “inocência” de Merrick se perde quando Conor encosta a mão no peito de Batman na tentativa de afastá-lo.

– Peraí, cara...

– Sempre precisando que alguém apareça para limpar sua sujeira – prossegue Batman, vociferando em meio aos protestos cautelosos de Conor, seu sotaque vindo à tona mais uma vez. – Tá na vida a passeio, sem sofrer um arranhão nem se importar com quem cruza seu caminho.

Avanço e elimino a distância entre nós, parando tão perto que sinto o cheiro doce de hortelã em seu hálito se sobrepondo ao odor da água do lago. Minha expressão é nada menos que letal enquanto olho para seu rosto mascarado.

– Será que esse é um bom momento pra te lembrar de que sou sua cliente? Ou prefere mais tarde? Esse é o seu *trabalho*, lembra?

– Não, não é.

– Ué, achei que você fosse o faxineiro.

– Pois se enganou, Barbie Sem Noção.

– Então por que você tá aqui?

– Falta de opção.

Batman me dá as costas enquanto se abaixa para pegar o braço frouxo de Jamie, erguendo o cadáver sobre o ombro com um grunhido. Quando ele se aproxima de mim com um olhar furioso, não recuo, embora meu coração martele no peito.

– Você não me conhece – sibilo.

O olhar dele queima minha pele.

– Nem quero – devolve.

Eu o observo enquanto ele caminha até o reboque com o corpo pendurado no ombro. Em momento algum meus olhos desviam de sua silhueta enquanto ela desaparece nas sombras, nem mesmo quando Conor para ao meu lado.

– Desculpa – diz ele, com a voz baixa e calma enquanto segura a nuca com a mão enluvada. – Ele é só... é. Não foi uma boa noite pra ele. Sei que provavelmente é difícil de acreditar, mas não é nada pessoal. E acho que já tem tempo demais que ele tá fazendo isso.

Assinto e desvio o olhar do reboque onde Batman está ocupado embrulhando o corpo em um plástico e depois em um cobertor. Ouço seu grunhido enquanto ele coloca Merrick na parte de trás do veículo, mas mantenho a atenção na floresta. As árvores me convidam a encontrar um lugar tranquilo onde possa me sentar com meus pensamentos. Talvez eu conseguisse ter um pouco de paz se o mundo ficasse em silêncio, só por um tempinho...

– Amanhã vamos voltar com o guincho e tirar o carro do lago. Ainda hoje vou limpar tudo o que possa ter ficado na estrada – explica Conor,

interrompendo minha fantasia fugaz. Sinto seus olhos na lateral do meu rosto, mas não olho em sua direção. – O Batman, bem... ele pode ser meio bruto, mas é totalmente confiável. Vamos resolver tudo, dar um jeito pra que nada ligue você a esse lugar. Nenhum registro. Nenhuma evidência. Logo vai ser como se o acidente nunca tivesse acontecido.

– Tá bem – sussurro, mas meu sorriso é fugaz.

Se afirmo estar bem para tranquilizar Conor, fracasso miseravelmente. Quando olho na direção dele, vejo a preocupação brilhar em seus olhos, embora o resto de suas feições esteja obscurecida pela máscara. Eu me esforço um pouco mais no sorriso.

– Acidente? Que acidente, não é mesmo? – brinco.

– Exato – diz ele com uma risada.

Ele provavelmente não acha graça nenhuma da minha brincadeirinha e se afasta para ajudar o Cavaleiro das Trevas rabugento a pegar seu equipamento de mergulho nas pedras e colocá-lo no carro. E embora um leve traço de sorriso permaneça no meu rosto, aguardando o momento em que os dois passem por mim, eu me sinto mais sozinha do que nunca.

O cosplay de Batman atira a roupa de mergulho no porta-malas aberto de seu Dodge Charger vintage. Ele a trocou por uma calça jeans preta que abraça suas coxas musculosas, uma camisa preta de manga comprida e uma máscara de esqui nova. Calça um novo par de luvas de couro e caminha na minha direção enquanto resisto à vontade de agarrar a arma que está escondida na bolsa.

– Hora de ir – diz ele, rilhando os dentes, enquanto se aproxima do meio da estrada, onde finco os pés.

Cruzo os braços.

– Que tal: “Hora de ir, me acompanhe, *por favor*”? Ou: “Podemos ir agora? Meu Batmóvel está esperando, bela donzela.”

Há um ruído constante na brisa fresca. Por um momento, penso que é um veículo distante se aproximando. Talvez algum com um silenciador de merda.

Mas não.

É ele. *Rosnando*.

Eu recuo, mas ele se choca contra mim. Em um movimento tão rápido que chego a ficar tonta, ele me atira por cima do ombro e dá meia-volta.

Colido contra seus ossos e músculos enquanto ele caminha em direção aos veículos. Agarro meus pertences antes que caiam, e a vontade de atirar na bunda dele é quase tão irresistível quanto a de vomitar em suas costas.

– *Me coloca no chão, porra!*

Meus esforços para acertá-lo são tão inúteis quanto tudo o mais que tento, desde me contorcer até xingar e tentar dar uma rasteira nele com minha bolsa gigante.

– Aham, sua praga apocalíptica.

Em um movimento rápido, ele me larga e eu caio de bunda no porta-malas do carro dele, com as pernas penduradas para fora.

– Ah, não – protesto, irada.

Tento sair do porta-malas, me sacudindo, mas parece que meu cérebro foi sugado e substituído por sopa. Tudo chacoalha. Meus pensamentos. O mundo. A comida no meu estômago. Demoro muito para lembrar como fazer meus membros funcionarem. Quando consigo, me vejo enjaulada, as mãos enluvadas do Batman apoiadas no chão do porta-malas, uma de cada lado das minhas pernas. As pontas de seus polegares tocam minhas coxas. Ele ocupa todo o espaço ao meu redor e, embora eu feche os olhos, sua presença está em toda parte. Sinto o cheiro dele, hortelã e água do lago. Sinto o calor de sua respiração em meu rosto. Quando abro os olhos, o azul-marinho dos olhos dele é a primeira coisa que vejo, a intensidade da cor amplificada pela máscara de esqui preta que os emoldura.

Sinto um nó na garganta. Um tremor começa em meus braços e rasteja em direção às mãos.

– Por favor, você não entende – digo.

– Deita.

– Não.

– Agora.

– *Por favor* – sussurro. – Aqui não. Eu vou no reboque.

– Não, não vai. Não com a tonelada de evidências que o meu colega vai tirar daqui. E não vou correr o risco de deixar você ser vista sentada no banco da frente – dispara Batman, rilhando os dentes.

– Parece meio exagerado e dá mais a impressão de que você simplesmente não quer se sentar do meu lado.

Batman dá de ombros e se inclina um centímetro mais para perto. Quase não há espaço entre nós. Seus olhos recaem nos meus lábios, que estão manchados com a maquiagem pesada, pintados de vermelho e preto.

– Acho que você nunca vai saber – diz ele, a voz um estrondo baixo. – Mas não tem outra opção.

Meu nariz arde, mas resisto ao súbito impulso de chorar de frustração. Não vou chorar, não na frente desse babaca. Se ele sente meus joelhos tremendo, não demonstra. Apenas se aproxima, seus olhos presos aos meus. Sei que ele não vai recuar. E ele também capta o momento em que sinto em minhas veias que não há saída.

Meus ombros desabam.

– Eu te imploro – sussurro.

– Infelizmente, não vai me convencer.

– Você é um babaca mesmo.

– E você quer ir embora daqui tanto quanto eu. Essa é a sua única opção, então é melhor ficar quieta – diz ele, e logo em seguida sua mão está na minha cabeça, me empurrando para baixo com uma leve pressão enquanto a outra vai fechando a porta, me forçando a ficar na escuridão até eu fechar os olhos com força. – Quando a gente chegar em Providence, eu te deixo sair e você faz o caos que quiser. Até lá, tenta se comportar.

O porta-malas é fechado. Abro os olhos em meio à absoluta escuridão. Meus batimentos trovejam em meus ouvidos. As lágrimas que escondi dele vêm com força total agora enquanto me encolho toda e abraço minha bolsa contra o peito, a roupa de mergulho descartada do Batman úmida contra o topo da minha cabeça. Puxo o braço do macacão, colocando-o na minha testa, onde uma película de sangue coagulado, maquiagem branca e suor implora para ser raspada da minha pele.

Você está bem. Você está bem, você está bem, você está bem. Você sabe o que fazer.

Repito meu mantra até que minha respiração apavorada diminua apenas o suficiente para captar o som das palavras abafadas trocadas entre Batman e Conor. É uma conversa curta e pragmática. Minha esperança de que Conor coloque juízo na cabeça de seu colega é passageira, porque um segundo depois a porta do motorista se abre e se fecha. O motor dá partida com um rosnado e então saímos.

Preciso de um novo plano.

Aproveito minha fúria para manter o foco enquanto o carro faz algumas curvas suaves e passa a andar em uma velocidade constante. Quando tenho certeza de que Batman está confiante de que vou *me comportar*, bato o punho no teto do porta-malas, em uma rebelião da carne contra o metal.

– Não sei se alguém já te disse isso, mas *você é um babaca de merda* – grito, com lágrimas ainda escorrendo dos olhos. A batida se torna uma percussão para pontuar meu canto. – *Ba-baca, ba-baca, ba-baca.*

– Cala a boca – vocifera ele antes de acelerar.

– Vem calar que eu quero ver.

Bato outra vez e por fim ele aumenta o volume da música para me abafar. Nesse instante, suavizo os golpes e protestos, e depois me aquieto.

Quando estou convencida de que ele acha que ganhou esta rodada, ligo a lanterna do celular e vasculho minha bolsa.

Minha gargalhada maníaca é abafada pelo motor e pela música enquanto retiro a alavanca do meu violão Jackson com a mão suada e trêmula. Posso ter nascido uma Montague, que vem com seu próprio histórico de loucuras, mas também sou uma Covaci, e meu padrasto me ensinou todo tipo de truques úteis, como, por exemplo, me livrar de abraçadeiras de náilon. Como dar nó de força. Como carregar uma arma.

E como escapar do porta-malas de um veículo.

A trava vintage é um pouco complicada, mas o lado bom é que não deve ter nenhuma luz de advertência no painel mecânico para alertar meu motorista grosseirão quando consigo abri-la na terceira tentativa. Seguro o mecanismo para manter a tampa do porta-malas aberta apenas o suficiente para ver a estrada desaparecer atrás de nós. Ainda estamos no meio do nada: não há trânsito, pedestres, nem muitas casas. É só floresta. Eu, a escuridão e as lanternas traseiras vermelhas que sangram na noite.

O carro diminui a velocidade. O motor reage quando Batman reduz a marcha e freia. Uma das lanternas traseiras começa a piscar, sinalizando uma curva para a direita.

Abro a tampa apenas o suficiente para escapar do porta-malas antes de pararmos. Não é uma saída elegante. Bato com um joelho no asfalto e faço um rasgo no moletom. A fumaça do escapamento se espalha pelo meu rosto quando me ajoelho atrás do para-choque. Baixo suavemente a tampa

para que ele não perceba pelo retrovisor. Dobradiças antigas são rígidas o suficiente para não abrirem quando eu diminuir a pressão. Não consigo fechá-la por completo, mas se o Batman não me vir ao se virar, talvez eu tenha tempo suficiente para desaparecer.

As luzes diminuem quando ele tira o pé do freio. Com um rosnado e uma nuvem de fumaça cinza, o motor acelera. O carro faz a curva e arranca.

Fico ali parada por um instante, agachada na estrada vazia. Então me levanto, enxugo as lágrimas geladas do rosto e vou embora na direção oposta.

Você não me conhece, penso quando dou uma última olhada no carro antes que ele desapareça em uma curva.

E que continue assim.

É melhor.

CONHEÇA OS LIVROS DE BRYNNE WEAVER

TRILOGIA MORRENDO DE AMOR

Cutelo e Corvo

Couro e Rouxinol

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

